

Ano e meio

GOVERNO NÃO TEM SABIDO COMEMORAR O QUE DE MELHOR TEM PARA MOSTRAR

Rogério L. Furquim Werneck*

Nas últimas semanas o governo dedicou-se a estranha forma de contorcionismo político-masquista. Nas comemorações dos 18 meses de mandato, preferiu brandir lista pífia de realizações menores a dar destaque ao que de melhor tem para mostrar. Com tão pouco para exhibir em outras áreas, não soube valorizar como deveria o sucesso de sua política macroeconômica.

A essa altura já não há mais dúvida sobre o vigor da recuperação que vem tendo lugar nos últimos meses. Até os mais céticos já reconhecem, ainda que a contragosto, que a retomada não pode mais ser associada apenas à atividade exportadora. Espraia-se de forma bem mais ampla e já atinge segmentos mais voltados para o mercado interno. A massa salarial na indústria está em franca ascensão e os primeiros efeitos sobre o emprego já se fazem sentir. Há até quem vislumbre expansão do PIB da ordem de 4% este ano. O mais importante, contudo, é que essa retomada vem tendo lugar com contas externas cada vez mais sólidas, contas públicas sob controle e taxa de inflação dentro da meta. Não é pouco. Há muito não se vê nada parecido por essas bandas.

Isso não significa, claro, que a economia já esteja no limiar de um processo de crescimento sustentado a taxas razoavelmente altas. Para assegurar condições propícias à retomada duradoura de crescimento, o governo ainda tem muito chão pela frente. Tem de se livrar das suas áreas de trevas, não deixar que prosperem incertezas desnecessárias, montar aparato regulatório confiável, definir regras claras para investimentos, ampliar as possibilidades de queda paulatina da taxa de juros e viabilizar política fiscal que permita sinalizar redução crível e significativa da carga tributária.

O que a recuperação ora em curso, sim, parece sugerir é que o governo pode ter conquistado precioso espaço de manobra -- dois anos de crescimento razoável com estabilidade -- para correr atrás dessa agenda um tanto pesada. O que lhe dá razões de sobra para comemorar os resultados de sua política macroeconômica. Mas a verdade é que o governo não tem sabido tirar proveito político do sucesso que afinal vem tendo o prolongado esforço de estabilização que tanto lhe custou.

Esse comportamento, aparentemente tão estranho, tem suas razões. A primeira delas envolve a distribuição de poder dentro do núcleo político do governo. Não falta no Planalto quem ache que a adoção de um balanço de realizações que dê muita ênfase ao sucesso da política macroeconômica pode levar mais água do que seria prudente ao moinho do Dr. Palocci. A melhor evidência disso foi a reação um tanto lamentável de

parte da cúpula do PT quando, há algumas semanas, o ministro da Fazenda, com o comedimento que lhe é peculiar, tomou a liberdade de ostentar os feitos da política macroeconômica.

Outra razão é que, para boa parte do PT, o famoso *aggiornamento* ficou a meio caminho. Mesmo nos escalões mais esclarecidos, poucos fizeram fé na política econômica do governo. Uma coisa era reconhecer, em meio à assustadora crise de confiança de 2002, que não restava ao partido alternativa que não fosse subscrever a política econômica ortodoxa que lhe legava o governo anterior. Outra coisa é aceitar que a persistência nessa política serviu para bem mais do que simplesmente evitar um grande desastre no início do governo Lula. Para quem acreditava que, no fundo, tudo não passava de encenação passageira até que a situação ficasse menos crítica, é um tanto difícil aceitar que a teimosia do Dr. Palocci tenha permitido não só restabelecer o controle sobre a inflação como repor a economia em rota de expansão, com contas externas cada vez melhores. Mais difícil ainda, para os que passaram anos e anos a fazer críticas radicais a pontos essenciais da atual política macroeconômica, é conseguir desentortar a boca e adotar discurso que permita tirar proveito do sucesso dessa política. Muitos não sabem nem mesmo por onde começar.

Os casos mais graves resvalam para a dissonância cognitiva. No início desta semana, a imprensa noticiou que, em certos segmentos do governo, se articula relançamento do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, com formação de uma frente nacional pelo crescimento do País, para clamar por mudanças na política econômica. Parece coisa de quem não lê jornal e ainda não está informado de que a economia já está novamente em expansão, a taxa relativamente alta.

O mais impressionante, contudo, é que o próprio presidente da República parecia estar enfrentando dificuldades para explorar politicamente o que tem sido, de longe, o maior feito de seu governo. Foi noticiado em toda a imprensa que, na segunda-feira, no programa *Café com o Presidente*, veiculado pela Radiobrás, Lula afirmou que havia recebido “com otimismo mas, ao mesmo tempo, com cautela” as informações mais recentes sobre o excelente desempenho da indústria. Comentário tão morno poderia ter sido feito até pela oposição. Proferido pelo presidente, a essa altura dos acontecimentos, foi no mínimo enigmático. Deu margem a que se imaginasse que havia algo de profundamente misterioso nos desvãos da alma petista. Que o governo preferia marchar de mãos quase vazias para as eleições municipais a dar o merecido destaque ao muito que conseguiu conquistar, a duras penas, no *front* da política macroeconômica.

Mas, diante dos dados de emprego divulgados nesta semana, Lula afinal se soltou. Conseguiu por fim comemorar com o devido entusiasmo o que de melhor seu governo tem para mostrar. Antes tarde do que nunca. Agora só falta o PT e o resto da coalizão governista.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.